

Revista EDUCAMAZONIA - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3423 – Ano 4, Vol 1, no6, jan-jun, 2011, Pág. 7-11.

DESCOLINIZAAO PÓS-COLONIZAAO: O PAPEL DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Valmir Flores Pinto, UFAM

“Se quero ir à lua, preciso do conhecimento científico. Mas se quero defender a biodiversidade na amazônia, eu preciso dos conhecimentos dos povos amazônicos. Precisamos desses conhecimentos todos” (Boaventura de Sousa Santos em 18/02/2011).

RESUMO: O texto é fruto dos registros do autor associados a uma conferência proferida por Boaventura de Sousa Santos, no Coloquio Internacional “*Portugal entre desassossegos e desafios*” – 17 e 18 de Fevereiro 2011 no 30o Aniversário do CES – Centro de Estudos Sociais – da Universidade de Coimbra, Portugal. Trata-se de uma visão rica e muito crítica desse exímio docente Doutor em Ciências Sociais da Universidade de Coimbra – Centro de Estudos Sociais, com um currículo e publicaoes que contribuem para a reflexão e produoo de conhecimento não so em Portugal, mas em diversas partes do mundo.

Palavras chave: Produoo do conhecimento. Cidadania. Democracia.

DESCOLINIZACION Y POST-COLONIZACIÓN: LA FUNCIÓN DE LAS CIENCIAS SOCIALES Y HUMANAS

“Si quiero ir a la luna, necesito de conocimiento científico. Pero si quiero defender la biodiversidad en la Amazonía, necesito del conocimientos de los pueblos amazonicos. Necesitamos de todos estos conocimientos.” (Boaventura de Sousa Santos em 18/02/2011).

RESUMEN: El texto es fruto de los registros del autor, asociados a una conferencia proferida por Boaventura de Sousa Santos, en el Coloquio Internacional “*Portugal entre desasosiegos y desafíos*” – del 17 al 18 de febrero del 2011 en el 30o Aniversario del CES – Centro de Estudios Sociales – de la Universidad de Coimbra, Portugal. Se trata de una vison rica y muy crítica de ese exmio docente Doctor en Ciencias Sociales de la Universidad de Coimbra con un currículo y publicaciones que contribuyen para la reflexon y produccon del conocimiento no sólo en Portugal, pero también en diversas partes del mundo.

Palabras-clave: Produccon del conocimiento. Ciudadana. Democracia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma conferencia proferida por Boaventura de Sousa Santos, no Coloquio Internacional “*Portugal entre desassossegos e desafios*” – 17 e 18 de Fevereiro 2011 no 30 Aniversário do CES – Centro de Estudos Sociais – da Universidade de Coimbra, Portugal. Trata-se de uma visão rica e muito crítica desse exímio docente Doutor em Ciências Sociais da Universidade de Coimbra – Centro de Estudos Sociais, com um currículo e publicaoes que contribuem para a reflexão e produao de conhecimento não so em Portugal, mas em diversas partes do mundo. A fala foi gravada e reproduzida na sua íntegra por Valmir Flores Pinto, doutorando de Ciências Sociais na Universidade de Aveiro, Portugal e docente de Filosofia no Instituto de Educaao, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

1-Descolizao pós-colonizao

O colonialismo tem que ter um fim, e uma forma disso acontecer é a rede de instituioes de pesquisa e ensino. A pergunta de partida é esta: É possível descolonizar o Ocidente? Pensa-lo fora da dimensão ou relaao colonial? Mesmo pensar na dificuldade de pensar o fim do colonialismo? Ele tem que ter fim, e o grande desafio é imaginar como podemos contribuir para o colonialismo ter fim. Nas nossas reflexões sempre tem por base uma economia política. Nunca falamos do colonialismo sem o capitalismo. O Ocidente pode descolonizar-se se não descolonizarmos também todas as outras regiões do mundo que sofreram o encontro colonial com o Ocidente, ou seja, o Sul Global.

Após o colonialismo Europeu, se seguiu o colonialismo interno. Primeiro o fim do colonialismo político europeu, da ocupaao, não foi o fim de outro colonialismo das relaoes sociais, políticas, economicas e culturais entre os povos. Segundo, esta subjectividade de longa duraao estava presente nos ex-colonizadores e ex-colonizados, de forma diferentes. Então temos algumas dimensões que precisam ser analisadas e descolonizadas.

1 Dimensão: *Descolonizar a História:* para além da história universal do Ocidente há outra história. Pois, o grande mal do colonialismo foi negar a história dos povos com quem se encontrou, por isso há que recuperar a história do Ocidente e do Sul Global. A história vai ter um papel fundamental nas lutas por libertaao. A própria sociologia foi criada contra a história. Recuperar a história é uma forma de lutar contra

o colonialismo. Sem passadismos nem buscas de “idade de ouro”. Todos os povos tinham uma cultura e uma história pré-colonial e que subsistem de alguma maneira. Nem toda ela é boa, também tem problemas de dominação, opressão. Mas é necessário ampliar o diálogo, a conversa sobre os conhecimentos, isto é a “ecologia dos saberes”, e exige a interação intercultural.

2ª Dimensão: *Descolonizar as Ciências Sociais:* Primeiro temos que problematizar a relação sociedade natureza. Se deu muita importância para a concepção cartesiana da natureza e pouco para a concepção de Espinhosa, a dimensão activa, natura, naturata; e a dimensão passiva, natura naturales. O conceito de natura (Deus) ficou perdido, por que não era útil para a colonização. A unidade de análise, o Estado-Nação, deve ser descolonizada. Não nada a ver com a concepção em África da América Latina. Nesta foi conquistar ou entregar o poder para os descendentes dos colonizadores, e em África foram as populações originárias que conquistaram a independência. Dois processos históricos diferentes, que convidam a uma análise do Estado. O conceito de fronteira em África foi um dos aspectos mais trágicos do colonialismo. Na sociedade Ocidental as formas de apropriação estavam ligadas à regulação e massificação, mas isso eram conceitos das metrópoles. Na colonização, era a dialéctica da apropriação e da violência. Há duas ambições a metropolitana e a colonial. Exemplo claro é a questão do trabalho, se no final do século XIX ocorreram grandes conquistas como emancipação laboral, nas colónias o conceito ligado ao trabalho era o “direito” ao trabalho escravo, forçado. Por isso a necessidade de descolonizar os nossos temas dentro das Ciências Sociais. Um exemplo: temos concurso na Europa onde se gastam milhões de Euros a enfocar como principais problemas da União Europeia o resolver problemas de obesidade e velhice, enquanto a grande maioria da população jovem morrem de fome no mundo. Os nossos temas tem dentro de si um ato colonial que não nos permite ver a realidade no seu todo. As próprias metodologias, os conceitos precisam ser descolonizados. Exemplo os conceitos de totalidade e universalismo são europeus, com raízes na Escola de Frankfurt. Esta compreensão é aceita dentro de determinado contexto, mas este pretendo universalismo recusa a ideia de outros universalismos, como os existentes em culturas ancestrais que existiram muito antes do que chamamos cultura ocidental. E precisamos ir mais longe ainda, o conceito de utopia, por exemplo, de emancipação social, os novos paradigmas de emancipação. Estamos a pensar uma mudança civilizacional para daqui e muito tempo, enquanto para muitos a utopia é viver até amanhã, é sobrevivência, que tenha o que comer hoje e que

amanhã pode não ter. Não somos capazes de identificar a utopia com esses tipos de objectivos.

3ª Dimensão: *Descolonizar a Filosofia:* trata-se de descolonizar nossa maneira de pensar e a epistemologia. Tem fundamentalmente duas dimensões: descolonizar a própria filosofia ocidental para combater o que o Ocidente prioriza; e valorizar outros pensamentos, de outros povos, não apenas o ocidental. Isto é, geralmente os outros conhecem a cultura ocidental e o seu pensamento, o pensamento homonimo so conhece o seu. Há uma outra filosofia africana, latino-americana, asiática, que tem que ser valorizada. Esta é nossa complementaridade, a complementaridade dos opostos, todos eles são importantes. Heidegger é tão importante como um filosofista africano.

4ª Dimensão: *Descolonização da Ontologia:* O que é o ser? Esta é a grande questão, pois é a mais auto reflexiva, aquela onde temos mais dificuldade de identificarmo-nos com outras culturas. Durante séculos se pensou que o ser humano foi constituído à parte da natureza, como vê-lo, agora, como parte? Como passar da separao, que é parte constitutiva dessa ontologia ocidental, para uma outra forma cósmica que encontramos em outras concepções, como por exemplo as narrativas dos muitos povos indígenas da América Latina. Onde está a diferença, foi das ideias e da forçá das ideias e da forçá dos canhões que transformou o particularismo do Ocidente em universalismo. Por isso é preciso resgatar o que há de emancipatório nas culturas não ocidentais e ampliar este cânon de entendimento e diálogo do ser humano com conceitos maiores, como por exemplo os conceitos do queschua, do pachamama e se quisermos os novos conceitos com as epistemologias do sul.

5ª Dimensão: *Descolonização do Conceito de Autonomia:* nosso conceito de autonomia tem sua tese na Escola de Frankfurt, essencialmente em Theodor Adorno (1903-1969). O conceito de autonomia nasce em confronto com o direito de natureza, em negao de suas pertencas. Veja o indivíduo como autonomo, fora da natureza, independente dela. E exactamente a autonomia em relao a esta natureza, ele novamente cai na barbaridade, no horror. Onde está ela? No fascismo e no nazismo. O homem procura autonomizar-se mas cai sempre dialecticamente na animalidade. O problema é esse: conseguir o indivíduo autonomo sem pertencas ou ligações com a natureza. Hoje há outras concepções de autonomia. A autonomia do indivíduo que decorre da autonomia de suas pertencas, da capacitao das comunidades de novas formas de ser e auto-denominao que estão surgindo por todo lado. Trata-se das

sociologias das emergências a fomentar um mundo novo, que não é novo, mas as novas formas de encarar e ver o mundo e isso que temos que cultivar nas outras cultura e em nós (Ocidente), pois trata-se de novas formas de subjectividade. Aqui entra novas formas de descolonização que precisam acontecer: os conceitos de democracia, representativa, participativa e obviamente comunitária e de direitos humanos. É esta a lógica, não apenas de preocupação pessoal, mas um compromisso epistemológico e um compromisso político com um outro mundo, num momento de exaustão total que este mundo ocidental pós-colonial se mostra hoje. Continuamos a ter problemas modernos, obviamente que igualdade, liberdade e fraternidade continuam actuais, mas ao contrário da Escola de Frankfurt, estas promessas não são genuínas dentro do liberalismo e do capitalismo. Elas não são frutos de uma pessoa, mas de pessoas, de grupos. Somente um conjunto de comunidades epistémicas podem auxiliar no verdadeiro surgimento de valorização de outros saberes, a ecologia dos saberes. Se quero ir à lua, preciso do conhecimento científico, mas se quero defender a biodiversidade na amazônia eu preciso dos conhecimentos dos povos amazônicos. Precisamos desses conhecimentos todos. E é ecologicamente que precisamos defendê-los num círculo de cooperação.

Recebido em 20/2/2011. Aceito em 22/2/2011.